A comunicação da angústia: angústia nas psicoses e angústia do analisado¹

Julieta De Battista
Tradução de Gustavo Balcazar
Revisão de Maria Claudia Formigoni

Resumo

Este artigo explora a dimensão da comunicação que a angústia pode apresentar, especialmente no caso da escuta da psicose. A relação do analista com sua angústia é uma questão essencial para Lacan, que introduziu uma indicação de método no *Seminário 10*: modelar uma orografia da angústia, saber onde ela emerge. Nenhum final de análise pode garantir a isenção da angústia. No entanto, o amor de transferência, o amor-sublimação pode permitir que o gozo condescenda com o desejo, outro destino para a angústia, talvez uma maneira de extrair da angústia sua certeza por meio do ato. Proponho interrogar esse “acento de comunicabilidade” a partir da perspectiva do encontro do analisando com uma tendência predominante de angústia na psicose: a hipocondria. Quais são as chances do desejo do analista diante dessa angústia hipocondríaca, que pode colocar o objeto em cena, causando angústia? Como se desenrolam os cortes, as suturas e os furos diante dessa nomeação do real?

Palavras- chave:

Psicanálise; Lacan; Psicoses; Angústia hipocondríaca.

The communication of anguish: anguish in psychosis and anguish of the analyzed

Abstract

This article explores the dimension of communication that anguish can present, especially in the case of listening to psychosis. The relation of the analyst with his anguish is an essential issue for Lacan, who introduced an indication of method

¹ Trabalho apresentado no XII Encontro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, cujo tema foi “A angústia, como fazê-la falar”, realizado em Paris em maio de 2024.

in *Seminar X*: to model an orography of anguish, to know where it emerges. No end of analysis can guarantee the exemption of anguish. However, transference love, love-sublimation can allow jouissance to condescend to desire, another destination for anguish, perhaps a way of extracting from anguish its certainty through the act. I propose to interrogate this “accent of communicability” from the perspective of the analysed’s encounter with a prevalent tendency of anguish in psychosis: hypochondria. What are the chances for the analyst’s desire in the face of this hypochondriacal anguish that can put the object on stage, causing anguish? How are cuts, sutures and holes played out in the face of this nomination of the real?

Keywords:

Psychoanalysis; Lacan; Psychosis; Hypochondriacal anguish.

La comunicación de la angustia: angustia en las psicosis y angustia del analizado

Resumen

Este artículo indaga la dimensión de comunicación que puede presentar la angustia, especialmente en el caso de la escucha de las psicosis. La relación del analista con su angustia es un asunto esencial para Lacan, quien introdujo una indicación de método en el *Seminario X*: modelar una orografía de la angustia, conocer en dónde emerge. Ningún final de análisis puede garantizar la exención de la angustia. Sin embargo, el amor de transferencia, el amor-sublimación puede permitir al goce condescender al deseo, otro destino para la angustia, tal vez una forma de extraer de la angustia su certeza a través del acto. Propongo interrogar este “acento de comunicabilidad” desde la perspectiva del encuentro del analizado con una tendencia prevalente de la angustia en las psicosis: la hipocondría. Ese lenguaje de órgano que, en principio no habla, pero puede servirnos en bandeja al objeto. ¿Qué chances para el deseo del analista ante esa angustia hipocondríaca que puede poner en escena al objeto, angustiando? ¿Cómo se juegan cortes, suturas y agujeros ante esa nominación de lo real?

Palabras clave:

Psicoanálisis; Lacan; Psicosis; Angustia hipocondríaca.

La communication de l'angoisse : angoisse dans les psychoses et angoisse de l'analysé

Résumé

Cet article explore la dimension de communication que peut présenter l'angoisse, notamment dans le cas de l'écoute des psychoses. La relation de l'analyste avec son angoisse est une question essentielle pour Lacan, qui a introduit une indication de méthode dans le *Séminaire X* : modéliser une orographie de l'angoisse, savoir où elle émerge. Aucune fin d'analyse ne peut garantir l'exemption de l'angoisse. Mais l'amour de transfert, l'amour-sublimation peut permettre à la jouissance de condescendre au désir, autre destination de l'angoisse, peut-être une façon d'extraire de l'angoisse sa certitude par l'acte. Je me propose d'interroger cet « accent de communicabilité » à partir de la rencontre de l'analysé avec une tendance prévalente de l'angoisse dans les psychoses : l'hypocondrie. Quelles sont les chances du désir de l'analyste face à cette angoisse hypocondriaque qui peut mettre l'objet en scène, provoquant l'angoisse ? Comment se jouent les coupures, les sutures et les trous face à cette nomination du réel?

Mots-clés :

Psychanalyse ; Lacan ; Psychoses ; Angoisse hypocondriaque.

Introdução: a angústia do analisado

É habitual se perguntar como fazer a angústia falar, mas a angústia também se comunica, passa, torna-se comum.² Em 1962, Lacan (1962-1963/2005, p. 13) se questionou sobre a angústia do analista: é a mesma que a do paciente? O quanto se é capaz de suportá-la? A angústia não é algo meramente “interno ao sujeito”. O neurótico opera nesse aspecto como um “vaso comunicante” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 364). Então, há a angústia do paciente, mas também conta a angústia dos que o cercam. Não há apenas uma comunicação de inconsciente para inconsciente, mas pode haver também uma comunicação da angústia.

Quem de nós não se encontrou nessa situação diante de uma urgência? Responder à urgência de forma angustiada injeta um extra de angústia criado “artificialmente” por essa resposta, uma angústia provocada. Como extrair essa certeza que a experiência da angústia impõe?

A relação de um analisado com sua angústia é, portanto, uma questão essencial para um analista. Lacan introduz, a esse respeito, uma indicação de méto-

² O verbo “comunicar” vem do latim *communicare* (compartilhar informações, transmitir, difundir), e esse, de *communis* (comum, mútuo, compartilhado entre vários; ver: comum e comunhão).

do: modelar uma orografia da angústia, conhecer onde ela emerge (Lacan, 1962-1963/2005, p. 15). Nenhum final de análise pode garantir que um analisado ficará isento de angústia. No entanto, o amor de transferência, o amor-sublimação pode permitir ao gozo condescender ao desejo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 199) e oferecer outro destino para a angústia, mais desprendida de sua certeza.

Poder-se-ia resolver essa questão da angústia do analista dizendo meramente que, onde ele se angustia, o analista não opera. Seria uma solução teoricamente precisa, embora deixasse de lado que um analista é também uma função que se encarna, *en corps* (Lacan, 1971-1972/2012, p. 222). Um analista poderá destituir-se subjetivamente (Lacan, 1967/2003, p. 257), mas isso implica também uma destituição corporal? Se o analista se origina no não todo (Lacan, 1973/2003, p. 312), nem tudo é analista: não todo gozo se metaboliza na causa do desejo do analisante. A angústia de um analista faz parte da experiência, nos diz respeito, está na lógica de uma análise (Lacan, 1962-1963/2005, p. 13); e não apenas nos inícios da prática, mas também em seus finais. Lembremos o “efeito de angústia” ao qual o analista é remetido no final, onde “oscila em sua própria dejeção” (Lacan, 1967/2003, p. 260).

Em seu seminário sobre a transferência, Lacan (1960-1961/1992, p. 354) aponta que o desejo é uma espécie de remédio para a angústia, e que a angústia do analista não deve entrar no jogo da análise, a qual deve permanecer asséptica no que diz respeito à angústia do analista. Como sair dessa angústia que inevitavelmente pode emergir na experiência? Em que estado atual em relação ao desejo encontra-se um analista para que sua angústia não apareça em uma análise? Como extrair essa certeza de uma experiência que toma o corpo dessa forma?

Um analista não sustenta seu desejo na posição de angústia; ele opera no registro dessa *Versagung* primordial. Conta com um desejo bem preparado, bem polido, bem equipado para atuar como remédio contra a angústia, diz Lacan (1960-1961/1992, p. 357). Um desejo que pode extirpar da angústia sua certeza e transformá-la em impulso para o ato. Um analista recusa sua posição na angústia e renuncia ao ideal do analista: aquele que não se angustia ou que está sempre à altura do ato. Isso é um luto.

Talvez o trabalho de historisterizar (Lacan, 1976/2003, pp. 567-568), ao qual o passe convoca, permita traçar uma orografia da angústia de um analista. Ter tentado circunscrever a causa do próprio horror de saber (Lacan, 1973/2003, p. 313) talvez permita traçar algumas bordas dessa orografia: seus relevos, os sulcos erodidos, os insuportáveis de cada um. Quanto um analista se defende disso? Até onde está disposto a avançar na interrogação de um ser ou tenta proteger-se de seu próprio horror ao saber?

O encontro com a angústia hipocondríaca nas psicoses

Talvez, nessa peculiar posição diante da angústia, encontremos um caminho para interrogar aquela esperança expressa por Lacan (1967/2003): que alguém psicanalisado se ocupe algum dia do louco. Um analisado com chances de advir analista sabe que pouco adianta se defender da angústia ou refugiar-se nela para não agir. Sabe que a teoria também pode ser uma defesa diante da angústia que o encontro com as psicoses provoca.

Em certas ocasiões, emerge a angústia do analisado diante dessa tendência predominante da angústia nas psicoses: a hipocondria. Freud (1914/1996) a definia como um superinvestimento libidinal dos órgãos, um destino possível causado pelo desinvestimento libidinal no mundo. Poderíamos apresentá-la como uma ruptura da unidade ilusória do corpo, entre o enigma e a certeza: sensação de afinamento e enrugamento da substância óssea do crânio, experiência de um “esôfago rasgado” (Freud, 1911/1996, p. 27), sentir “uma dor misteriosa que se situou no alto da cabeça como aguda cutilada” (Freud, 1917/1996, p. 426), conviver com a certeza de que o nariz foi perfurado (Brunswick, 1928/2002, p. 180), conforme se apresenta nos casos freudianos. Ficar reduzido ao próprio corpo (Lacan, 1974-1975/2022) ou ao órgão, à beira de “deixar cair a relação com o próprio corpo” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 146).

Como não se angustiar diante das tentativas, às vezes desesperadas, de que algo dessa experiência consiga ser capturado em palavras? A linguagem de órgão, ali onde o dito esquizofrênico adquire uma “característica hipocondríaca” (Freud, 1915/1996, p. 203), parece ser uma tentativa de nomear essa vivência dolorosa do corpo. Conforma-se com as palavras e renuncia à investidura dos objetos, dizia Freud. Embora predomine a holófrase, pode ser uma tentativa de nomeação do real, de furar.

Qual é a oportunidade para o desejo do analista diante dessa angústia hipocondríaca? Essa linguagem hipocondríaca ou linguagem de órgão, que a princípio não fala, pode nos dar de mão beijada o objeto que o psicótico guarda em seu bolso, pode entreabrir a porta desse inconsciente e permitir certa passagem da angústia hipocondríaca para suas possibilidades de nomeação na linguagem de órgão. Seria necessário, então, diferenciar as funções da angústia nos enlances borromeanos e nos não borromeanos. Nos borromeanos, a angústia funcionaria como preparação, uma “expectativa de um trauma” (Freud, 1926/1996, p. 161). Quais seriam as funções da angústia nos nós não borromeanos?

Conclusão

Um analisado com chances de advir analista recusa sua angústia, abandona as certezas que pôde encontrar na teoria, submete-se às posições subjetivas, oferece a oportunidade da liberdade de associação, acompanhada pelos cortes que vão

delinear as linhas de força de um enodamento em suas novas possibilidades de enlace. Corta o circuito da comunicação da angústia, extrai sua certeza, para tentar abrir a porta à nomeação.

Nesse saber fazer com a angústia — saber servir-se dela —, joga-se a sorte de uma escuta possível do *pathos* nas psicoses que permita novas formas de metabolizar o gozo em desejo. A angústia hipocondríaca poderia constituir-se em uma nomeação do real (Lacan, 1975-1976/2007), um modo de circunscrever os furos, uma maneira de se defender do horror ao vazio. Revela-se, assim, sua fecundidade. Freud (1916/2003, p. 396) costumava dizer que o ser humano se protege do horror por meio da angústia.

Referências bibliográficas

- Brunswick, R. M. (2002). Suplemento a la “Historia de una neurosis infantil”. In R. M. Brunswick. *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 15-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Conferência XXV: a ansiedade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 393-412). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996). Conferência XXIV: a teoria da libido e o narcisismo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 413-431). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XX, pp. 81-177). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1967). *Pequeno discurso aos psiquiatras*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 311-315). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2022). A terceira. In J. Lacan. *Textos complementares ao Seminário 22 – RSI* (pp. 37-72). Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL-Brasil, FCL-SP. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2022). *R.S.I. – Seminário 22 (1974-1975)*. Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL-Brasil, FCL-SP. (Trabalho original publicado em 1974-1975)

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024